

A RELEVÂNCIA DA LEITURA NA MODALIDADE EAD E A INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

Jader Campos dos Santos ¹
profjadercampos@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/3201608934119676>

Enoghalliton de Abreu Arruda ²
enoghalliton.arruda@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/8581332579798443>

Marcela Tavares de Mello ³
marcelatdm@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/9312481705043533>

RESUMO

Este estudo teve como objetivo investigar as relações entre autor e leitor no contexto da modalidade EaD (Educação a Distância), aproveitando as vertentes e o desejo por conteúdo que ele já traz consigo do seu mundo. Nesse viés, o professor/facilitador com o auxílio das ferramentas da EAD, tem diante de si um desafio: o de trazer o interesse das letras e da própria lide literária. Isso tudo sem fazer esmorecer o desejo de novas descobertas e em um ambiente favorável ao despertar do prazer de ler, tendo o entendimento do processo entre as relações que se instituem entre leitor e leitor e leitor e contexto. Os teóricos pesquisados apontam os benefícios de se praticar o ato de ler. Dentre os autores pesquisados para a construção conceitual deste trabalho, destacam-se Kleiman (1997) e Cagliari (2001). O estudo enfatiza a leitura na preparação do sujeito-leitor. Para embasar o trabalho desenvolvido, foi pesquisado o espaço destinado à leitura convencional em sala de aula e de como o emprego de novas tecnologias advindas com a EaD podem auxiliar, inclusive, as classes regulares. As conclusões mais relevantes respaldam que o trabalho de disseminação da leitura sofre uma hipertrofia com a EaD e esta, por sua vez, contribui de forma eficaz e incontestável ao exercício da plena cidadania.

Palavras-chave: Educação a Distância; leitura; literatura.

ASPECTOS COGNITIVOS DA LEITURA

A leitura é um ato individual de construção de significado num contexto que se configura mediante a interação entre autor e leitor. Segundo Oliveira (1980), é fato quase comum nas escolas o considerável número de alunos que se saem mal nas provas de

qualquer matéria depois de terem estudado o assunto muito bem, de saberem a matéria como deviam, justamente porque não entendem, ou entendem errado o que lhes é perguntado. É de suma importância que a escola ensine seus alunos a ler e a entender, não só as palavras, as histórias das antologias, mas também os textos específicos de cada disciplina, as provas de cada área, as instruções de como fazer algo etc. Por essa razão, o emprego de toda e qualquer ferramenta que cativa a atenção dos alunos é algo bem-vindo, considerando que a realidade dos mesmos não é comum a todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Cabe ao professor gerir o processo de aquisição de novos conhecimentos pelo corpo discente, empregando novas estratégias como vídeos de *sites* como *youtube*, pesquisas na *internet* e até mesmo o emprego desta em aulas presenciais. No momento, apresenta-se imprescindível o trabalho com conteúdos complementares. Se o processo de transformação da educação constitui algo inevitável, o docente deve conduzir o processo dessa transformação progressiva e permanente com o auxílio da EaD e das novas mídias educacionais.

Assim, para Kleiman (1997), aqueles que têm a riqueza externa, sabem “se virar” em sociedade. O ato de viver é um ato de leitura. Uma sugestão seria o docente lançar mão de uma agenda paralela de conteúdos atrativos extraclasse que reforcem a leitura associada à vida, tal como contos radiofônicos, temática fílmica e outros. Nessa perspectiva, a ferramenta da EaD se apresenta como o elo entre o antigo e o novo modo de transmitir o saber.

Entende-se, a partir dos estudos realizados por Sá (1982), que a instituição escolar é o lugar privilegiado e delegado pela sociedade para realizar a difícil tarefa de formar sujeitos leitores. Neste sentido, a escola deveria ultrapassar o modelo tradicional de somente ser transmissora do saber culturalmente acumulado para de fato exercer sua função de promotora de uma educação que constrói a democracia. Porém, as barreiras encontradas são muitas. Diante deste fato, urge dinamizar novas posturas e individuais e coletivas que possibilitem a todos o acesso às condições mínimas para exercício consciente da cidadania.

Justamente em função de estar ligada a um sistema educacional condizente com uma sociedade desigual e classista, a leitura muitas vezes é transformada em instrumento de inculcação ideológica. Com o advento da EAD, o aluno assume decerto o papel de protagonista desse processo.

Segundo Freire (*apud* SILVA, 2012, p.12):

Do ponto de vista crítico, não é possível pensar sequer a educação sem que se pense a questão do poder; se não é possível compreender a educação como uma prática autônoma ou neutra, isto não significa, de modo algum, que a educação sistemática seja uma pura reprodutora da ideologia, dominante. As relações entre a educação enquanto subsistema e o sistema maior são relações dinâmicas, contraditórias, e não mecânicas.

Freire (*apud* SILVA, 2012, p.12) ainda cita:

As contradições que caracterizam a sociedade como está sendo penetram a intimidade das instituições pedagógicas em que a educação sistemática se está dando e alteram o seu papel ou o seu esforço reprodutor da ideologia dominante.

Estima-se que o suposto fenecimento da literatura tradicional esteja mais relacionado ao gosto das novas gerações pelas mídias atuais, uma vez que nunca se leu nem se viu tantos filmes e conteúdos em geral como em nossa época. O que ocorre de fato é um desprestígio da letra impressa, e não da própria literatura em sua dimensão transformadora.

O ENSINO DA LEITURA: A RELAÇÃO ENTRE TEXTO E CONTEXTO

Segundo Cagliari (2001), uma das queixas mais comuns dos professores atualmente é de que os alunos “não gostam de ler”. Essa realidade é facilmente focalizada no contexto da sala de aula, onde as práticas de leitura contribuem para o problema. A atividade árida e tortuosa de decifração de palavras que é chamada de leitura em sala de aula, por mais que esteja legitimada pela tradição escolar, não tem relação com a atividade prazerosa e funcional da leitura, pois não há quem encontre prazer no fazer o que é trabalhoso demais, tampouco o que não detém significado ou relação significativa com a realidade.

Gerdorff (1981) destaca que para a maioria dos alunos, o primeiro contato com a leitura é uma cópia maçante, repetitiva, quando ao contrário, esta atividade deveria ser uma extensão das histórias ouvidas, o aconchego do lar, do ingresso em outros mundos. Após esse primeiro e desapontador contato, a desilusão continua e o fracasso se instala como uma constante na relação com o livro e a leitura desse aluno que passa a ser mais um *não-leitor* em formação. Estas convicções estão baseadas numa concepção de saber linguístico desvinculado do uso da linguagem.

Kleiman (*apud* SANTOS; MARCELO, 1997, p.52-53) em um de seus estudos, critica a concepção de texto e leitura abordados pela escola:

Texto como conjunto de elementos gramaticais: é uma prática que considera os aspectos estruturais do texto, que têm um significado e função independentes do contexto em que se insere. O texto é apenas um pretexto para o ensino de regras gramaticais.

a. O texto como um repositório de informações: o texto é visto apenas como um conjunto de palavras cujos significados devem ser extraídos um por um, para assim, cumulativamente, chegar às mensagens do texto. Uma consequência dessa atitude é a formação de um leitor passivo, que acomoda-se facilmente aceitando a contradição e a incoerência.

b. A leitura como decodificação: essa atividade que passa por leitura compõe-se de uma série de automatismos de identificação e pareamento das palavras do texto com as palavras idênticas numa pergunta ou comentário.

c. A leitura como avaliação: é uma prática que inibe, ao invés de promover a formação de leitores, se tornando contraproducente se a preocupação estiver voltada para a apresentação e não para o entendimento.

d. A integração numa concepção autoritária de leitura: parte do pressuposto de que há uma maneira única de abordar e interpretar o texto, desconsiderando a experiência do leitor e sua construção de sentidos.

Percebem-se, desta forma, as concepções de texto e leitura que subjazem às práticas de sala de aula como uma das causas da desmotivação e desinteresse do aluno pela leitura. Ser leitor não é resultado de um processo natural. É necessário o contato permanente com material escrito, variado e de qualidade desde bem cedo, o qual é fruto de uma ação consciente da importância e função social do ato de ler. Consideramos também que, muito do alegado desinteresse do aluno pelo material didático tradicional pode perfeitamente ser contabilizado como a falta de interesse pela própria disciplina ensinada; assim sendo, a EaD, por estar em uma maior sintonia com a multiculturalidade da sociedade, consegue despertar no leitor um maior interesse pela cultura.

A LEITURA COMO FONTE DE EXPERIÊNCIAS NA EAD

Segundo Cagliari (2001), aos que sabem ler, esse saber é visto de forma natural atualmente que torna-se difícil suportar outras concepções de leitura. Porém, a realidade é que as concepções variam em função das práticas sociais da leitura e das técnicas de impressão da escrita de cada época. Durante muito tempo, o livro foi o único suporte material impresso e seu preço era elevado; como havia poucos livros, era comum o leitor ler as obras desde a primeira linha da primeira página até a última linha da última página. O leitor realizava uma leitura integral.

Para Kleiman (1989), a rapidez do desenvolvimento do conhecimento humano e a imensidão de informações do mundo contemporâneo modificaram profundamente a função da escrita nas sociedades modernas. Um desses indicativos é o livro, instrumento de amplo universo escrito/informativo, que passa a ter interfaces do mundo da leitura, visual e escrita.

Como consequência, o uso e as funções da leitura mudaram radicalmente. O leitor perdeu a consciência tipográfica desenvolvendo novas qualidades: a rapidez e a flexibilidade nas várias e diversificadas situações de leitura proporcionadas pelo social. A leitura tornou-se seletiva.

Nesta direção, Cagliari (2001), destaca que hoje o mundo se encontra em plena civilização da abundância de informação. Chegou-se ao estágio em que se lê integralmente apenas uma pequena parcela dos textos à disposição. Grande parte da leitura diária das pessoas é constituída de atos exploratórios onde o leitor destaca os segmentos relevantes para obter a informação que deseja. Este é o estágio de uma leitura seletiva, composta de complexos processos intelectivos de exploração visual.

A necessidade de conhecimento e ampliação de suas possibilidades através da escrita mobilizou o homem em direção a novas tendências como a EaD. E continua em ritmo alucinante rumo às estrelas em um universo cujas possibilidades de descobertas aparentam ser infinitas.

Hoje em dia, há novos universos a serem explorados: o do livro virtual, o das novas tecnologias, o do conhecimento livre e abundante, o da leitura ativa e o do leitor como protagonista de sua própria formação. Em um sentido amplo e irrestrito, o leitor tem diante de si uma gama ampla de possibilidades e apenas a EaD se perfila a suprir tais necessidades, outrora pensadas como nada mais do que extravagâncias. Se há alguns anos as videoconferências representavam uma alternativa dispendiosa e de vanguarda, hoje são de extrema necessidade. Pode-se até mesmo afirmar, com certa margem de segurança, que constituem uma seara irresistível que não se lhe pode negar.

RELAÇÃO ENTRE LEITURA E INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE NA MODALIDADE EAD

Oliveira (1994) afirma que o leitor/sujeito é o foco da Psicologia, que analisa, entre outros fenômenos, os processos psicológicos envolvidos na produção e no uso da

linguagem. Para a mesma autora, a língua, por sua vez, é do interesse da Linguística, que descreve e analisa a língua (oral) como produto, um sistema colocado à disposição dos sujeitos.

Segundo Cagliari (2001), a partir dos anos 1950, a impermeabilidade entre os dois campos foi questionada, surgindo uma fusão entre a Psicologia e a Linguística: a Psicolinguística. Dessa forma, compreende-se o texto como um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida.

É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento (como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo) que o leitor consegue construir o sentido do texto. A leitura é, então, considerada um processo interativo pelo fato de o leitor utilizar justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si. Sem o conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão.

Segundo Kleiman (1989), são vários os níveis de conhecimento que entram em jogo durante a leitura. O conhecimento linguístico é um deles. Ou seja, o conhecimento linguístico é aquele conhecimento implícito, não verbalizado, nem verbalizável na grande maioria das vezes, que faz com que se fale português como falante nativo. Esse conhecimento abrange desde o conhecimento sobre como pronunciar português, passando pelo conhecimento de vocabulário e regras da língua, chegando até o conhecimento sobre o uso da língua. Assim, quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto, mais fácil será sua compreensão. A ativação do conhecimento prévio é, então, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer as inferências necessárias para relacionar diferentes partes do texto num todo coerente.

Na atualidade, a defesa da superação da sala de aula física e também do professor presencial abrem assim uma miríade de novas possibilidades e oportunidades. Estima-se que o professor recicle enfim todo tempo antes perdido para o seu propósito estritamente literário e que se posicione como um facilitador de leitura, que recomenda boas leituras. Com a EaD, esse mesmo professor pode atuar, seja de sua casa e/ou escola

convencional, com economia de tempo e esforços; sobretudo, impulsionado pela oferta superabundante e desafiadora das novas mídias. Parece-nos pertinente citar aqui Chartier (*apud* PAN, 2010, p.32-33):

Cada forma de publicação do texto escrito corresponde a expectativas e usos específicos. Se o texto eletrônico é particularmente eficaz para todas as formas da leitura de consulta (as que buscam uma entrada num dicionário, um artigo num jornal, uma informação num site), nem por isso convém a todos os gêneros (ensaios, romances, obras de estudo) que supõem a continuidade da leitura, a compreensão intelectual que a funda. Daí a provável coexistência entre as diferentes modalidades de transmissão da escrita.

Ao refletir sobre a importância da busca da proximidade entre educandos e educadores na modalidade, está se ressaltando que a relação interpessoal é condição primeira em qualquer processo de ensino aprendizagem. Frequentemente os professores são responsabilizados pela má qualidade do ensino. No entanto, ao longo da história da educação, poucas foram as oportunidades dadas aos mesmos para que se manifestem sobre sua prática pedagógica. Lei das Diretrizes, Plano Nacional de Educação, propostas curriculares, critérios e avaliação, etc, vêm sendo introduzidos no universo educacional sem que os professores possam opinar a respeito.

Qualquer melhoria ou inovação em educação passa necessariamente pela formação de educadores, não privilegiando uma perspectiva tecnicista, mas passando a enfocar uma perspectiva mais complexa e mais ampla, considerando também as dimensões cultural, social e política do processo educativo.

Refletindo sobre os aspectos básicos para a formação docente, tanto no que se refere à educação a distância, quanto à presencial, adequadas ao presente e ao futuro, torna-se necessário priorizar como qualidade primeira deste educador a vontade de aprender continuamente. “Manter-se atualizado sobre as novas tecnologias de ensino e desenvolver práticas pedagógicas mais eficientes são alguns dos principais desafios da profissão de educador”. (NÓVOA, 1995, p.35)

Atualmente busca-se traçar o perfil e as funções específicas do professor ou formadores do ensino a distância. De modo geral, os professores envolvidos em programas de educação a distância receberam uma formação par atuar em sistemas presenciais.

Neste contexto, Leite e Silva (1998, p.42) alertam que:

Ensinar a distância é muito diferente de ensinar presencialmente, mesmo para professores com larga experiência em ensino. São necessárias diferentes habilidades de apresentação da informação e de planejamento, desenvolvimento e avaliação de estratégias de ensino, nas quais professor e aluno estejam distantes fisicamente. Além do mais, é necessário dominar o meio ou o sistema de transmissão da informação adotado.

Percebe-se que entre as tarefas do professor na EAD, está a de abrir espaços de reflexão, intercâmbio, experiências e informação com o fim de facilitar a construção de conhecimentos. Seu papel é o de harmonizar as propostas do conteúdo com a bagagem cultural dos alunos, de forma que estes possam avançar em sua aprendizagem.

A melhor maneira do professor se preparar para enfrentar as incertezas da educação do futuro, uma vez que a sociedade hoje passa por um momento de mudanças constantes, é estar permanentemente se atualizando com uma visão sistêmica de mundo, sem fazer dicotomia entre razão e emoção, pois o processo educativo se dá entre sujeitos e, desta forma, não há separação entre o cognitivo e o afetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é uma atividade que está relacionada diretamente com a subjetividade do leitor: não só com o que o mesmo sabe, mas também com aquilo que ele é, com a sua identidade. A leitura é um instrumento de formação e transformação, processo circular em

que um texto por si só não diz nada, pois o leitor é quem lhe confere o sentido, em um trabalho de produção/interação com o pensamento do autor e elementos do texto.

Nesse contexto, a EaD oferece ao professor possibilidades infinitas para o desenvolvimento da literatura através das novas mídias virtuais, buscando superar também o paradigma da escola tradicional, que é medido por repetições de fórmulas e definições decoradas que limita o trabalho docente, uma vez que são pautadas em conteúdos físicos e formalismos que atravancavam o pleno desenvolvimento da arte literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGLIARI, Luiz C. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione. 10.ed. 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez. 1982.

GERSDORFF, Ralph Christian James Von. **Educação Brasileira**: Problemas e soluções possíveis. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora. 1981.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: Aspectos cognitivos da leitura. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.

LEITE, Ligia Sila; SILVA, Christina Marília Teixeira da. A Educação a Distância capacitando professores: Em busca de novos espaços para aprendizagem. Conet@, nº 02. 2000. Disponível em:< http://revistaconecta.com/conectados/ligia_capacitando.htm>. Acesso em 08 set.2014.

NÓVOA, Antonio. **Profissão do professor**. 2. Ed.Porto: Porto Editora. 1995.

OLIVEIRA, Alaide Lisboa. **Ensino de língua e literatura**. Rio de Janeiro. Cátedra, 1980.

SOBRE OS AUTORES:

1. Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis - UCP (2014). Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense - UFF (2013) e Psicopedagogia - FIJ (2008). Graduado em Pedagogia pela FEFIS (1996). Atualmente é Diretor do Polo UAB CEDERJ Itaguaí, Docente dos Cursos de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Coordenação Pedagógica na FEUC e Orientador Pedagógico na Rede Municipal de Nova Iguaçu – RJ.

2. Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis – UCP (2014). Especialista em Gestão em Saúde, Acreditação e Auditoria pela Universidade Federal de Juiz de Fora e Especialista em Planejamento Educacional e Docência do Ensino Superior pela ESAB; Graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas e Bacharel em Enfermagem pela Universidade Iguazu. Atualmente é Coordenador do e Professor na Faculdade Santo Antônio de Pádua e Professor da Educação Básica na SEEDUC-RJ.
3. Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis – UCP (2014). Graduada em Letras pela FEAP. Atualmente é Professora e Coordenadora de Pesquisa e Extensão na FAETERJ Pádua -RJ